



Cidade da Periferia: Linguagem, Comunicação e Pedagogia¹

Evandro RHODEN²

Universidade de São Paulo, São Paulo, SP

Lisete BERTOTTO³

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, RS

RESUMO

Nesta investigação decola-se para sentidos irrestritos da comunicação, *lato senso*. Este artigo cerca o personagem conceitual do professor, partindo das noções de espírito, postas por Antonin Artaud. Pensamos a sala de aula e as várias “cidades” que lá habitam pontes de comunicações. Salientamos a exclusão branda da Cidade da Periferia, onde o audiovisual se apresenta como uma das possibilidades de criação de objetos do poder pedagógicos que não se filiam nas práticas. O Fluxo de um Professor que embora afetado não é capaz de mudar e proporcionar mudanças. Potência das máquinas educadoras que se ligam a algumas máquinas e a outras não. Esta debragem temporal/espacial marca os enunciados de educação que as máquinas se convergem para o engessamento em seus movimentos.

PALAVRAS-CHAVE: espírito; cidade da periferia; comunicação; máquinas educadoras; objetos pedagógicos.

Cidade da Periferia: Linguagem, Comunicação e Pedagogia

Isto funciona por toda parte; umas vezes sem parar, outras descontinuamente. Isto respira isto aquece, isto come. Isto caga, isto fode. Mas que asneira ter dito isto*. O que há por toda a parte são máquinas, e sem metáfora: máquinas de máquinas, com as suas ligações e conexões. (DELEUZE, 2001A, p.7)

Este artigo, escrito a quatro mãos, invade campos da Pedagogia, da Sociologia, da Filosofia e da Comunicação. Submergimos em várias áreas de conhecimento para preparar o que vamos apresentar como Cidade da Periferia, pois lá, nessa zona de conforto, onde nos inventamos neste texto “Tudo se resume a potência” (DELEUZE, 2000, p.51).

Nossa intenção? Pretendemos pensar o personagem conceitual do Professor, seu habitat, hábitos, gostos, temperos e destemperos e em sua privacidade mais radical contaminada de vida. O ser Professor que, acompanhando nossas pesquisas, lê seus

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul e realizado de 17 a 19 de maio de 2010.

² Evandro Rhoden é graduado em Comunicação Social Cinema e Vídeo, Mestre em Comunicação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos e Aluno especial do doutorado na Universidade de São Paulo.

³ Lisete Bertotto é graduada em Ciências Sociais, Mestre em Educação e aluna especial no doutorado da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.



autores que encontraram neste movimento de relações desse personagem, um espírito que se duplica e se aprisiona, vítima e carrasco de si.

Falamos de ocorrências concretas, níveis de “perigo” ou “segurança” que são códigos do educador a operar ou a desoperar na concretude de seu cotidiano. Rastreamos objetos parciais de poder pedagógico. Ligando a máquina decodificadora da significação destes objetos em todas as nuances do seu significado. “Um código estabelece a correlação de um plano de expressão (no seu aspecto puramente formal e sistemático) com um plano de conteúdo”. (ECO, 2002, p.40) Imaginamos uma relação onde esse espírito duplicado teria desejos pelas linguagens e formas de ser, que encontra na Cidade da Periferia, mas, para se comunicar na vida, está preso aos planos de conteúdo, por frases e palavras.

Anteposição de pesquisadores que pretendem dissecar o hábito de ensinar e aprender interrogando-lhe pelo comunicar “e talvez o hábito que consegue “tirar” algo de novo de uma repetição contemplada de fora.”. (DELEUZE, 2000, p.50) Hábitos que se fundam em Comunicação com o mundo, espíritos que ao mesmo tempo são vítima e carrasca de si, posto que, necessita da linguagem apropriada, como ente perambulante nessa sociedade, ainda gangrenada, sufocada apesar de, talvez, apresentar algumas fissuras onde haja o sangramento de alguns atos de liberdade possível.

“Dá-nos um Espírito sem hábitos, um espírito verdadeiramente congelado dentro do Espírito, ou então um Espírito com hábitos mais puros, os teus, se forem bons para a liberdade.” (ARTAUD 1983, p.29) Rogamos juntos com Artaud, não só ao Dalai-Lama a quem ele dirige suas súplicas, mas e, principalmente, a um Buda que resida em todos os Espíritos que povoam nossa comunicação, em sala de aula e para fora delas, para que juntos consigamos dar um fim iluminado a todos os estágios de infernos frios que congelam nossos espíritos-pensamentos e nos impedem de prosseguirmos pelas “rachaduras” da pedagogia e da comunicação a busca por um alcance de um Espírito capaz de exterminar o pensamento congelado na possibilidade da comunicação. A mente e o cérebro ainda são (se é que um dia foi) do indivíduo?

Uma Pedagogia de Joelhos Roxos?

Imaginamos a pedagogia ajoelhada e faminta, subjugada por seus medos, por suas formas congeladas e congeladoras sobre tudo de si. Em estudos anteriores



apresentamos uma noção do que chamamos de “Espíritos Narrativos”. Ali construímos nossa mirada no fundo dos olhos da pedagogia, essa estava de joelhos roxos, fraca, com os olhos vermelhos, quando a vimos nessa Cidade da Periferia, essa mesma pedagogia estava vivíssima, desejando e cheia de potências. Aliás, importante ressaltar, estava como nós estávamos quando estivemos por lá. “Não se trata mais de múltiplos pontos de vista sobre a mesma cidade, mas de múltiplas cidades em cada ponto de vista, unidas pela sua distância e ressoando por suas divergências.” (RAJCHMAN, 2000, p.412).

O professor-pessoa que caminha e se movimenta, tem libido, transmite regras que ora acha necessário existir, ora abomina. Percebe em muitos olhares as cidades e o status de cidadania diferentes que circulam dentro de um pequeno prédio escolar. São platôs, pedaços de realidade concreta que passam em sua sala de aula. Tudo passa por ele. Cortar a máquina desejante das crianças é um ideal. Afinal é o futuro emprego dos pequenos. Radical alteridade de crianças e adolescentes confinados a um pequeno espaço, de joelhos, diante da magnitude do Senhor Futuro que exige formação, capacitação e obediência. Acesso a um emprego, a dignidade e a sobrevivência pelo trabalho.

A escola, assim vista, é coisa muito “séria”, objetivo da educação das crianças em muitas famílias; o conteúdo é muito importante; Parece ser difícil sair deste impasse. Os educadores, sabedores investidos desta consciência, pedem que deixemos um pouco a “vida de lado”. Paramos de brincar nos computadores, nas calçadas, saímos de uma suposta inércia mental para prestar atenção à palavra, a cartilha, enfim, ao conteúdo.

Existirá mesmo um amanhã de adultos para estas crianças? Este adulto será a criança de ontem?

“Tudo já é passado ou presente, e não existe porvir. Mas ali onde advém (este) que resta a advir, sou exposto, fadado a ser livre, decidir, na medida em que NÃO posso prever predeterminar, prognosticar. Pode-se se chamar a isto liberdade” (DERRIDA, 1990, p.69)

Sim, talvez alguém possa contatar com o espírito que formatado, pronto; atualizado no momento da comunicação, substituindo aquele que corteja a vida, que tem fome e desejo nas veredas da Cidade da Periferia. A cidade do centro conta muitas lendas do povo da periferia. Desemprego é coisa de quem não estuda ou “não quer” trabalhar. “As histórias que contam às crianças”! Voltamos à velha lenda que Marx



dedicou a vida a desmistificar. Não existem duas espécies de gente. Os que trabalham e os que não querem trabalhar. Existe um sistema que inclui ou não.

É hora de voltar a Alice no País da Maravilhas. Aqui temos a Moral da Duquesa que tenta tirar Alice de seus pensamentos, para manter a conversa. ‘devemos cuidar dos fatos, já que os boatos cuidam de só próprios; é o amor que faz a terra girar; e outras pérolas (CARROL, 1999, p.108) Alice queria pensar, perdeu tempo e ainda ganhou de presente as frases da Duquesa. A menina fica aliviada quando lembra que as pessoas não podem dar frases de presente às crianças. E as crianças e adolescentes na vida real como acomodam a herança da Moral das Frases?

Ora, essa certeza injustificável de um mundo sensível comum a todos nós é, em nós, o ponto de apoio à verdade. Que uma criança perceba antes de pensar, que comece a colocar seus sonhos nas coisas, seus pensamentos nos outros, formando um bloco de vida em comum. Onde as Perspectivas de cada um ainda não se distinguem (MERLEAU-PONTY, 2007, p.23).

Há mesmo um mundo comum a todos? Ou haverá referências de mundo? A Pedagogia dos Joelhos Roxos responde que sim. Embora o quiséssemos, tanto, a ponto de imaginar uma Cidade da Periferia, feita a partir das Perspectivas de cada um, onde sejam distintas na percepção de si e suas particularidades visíveis tais como são o um olhar tão livre de si próprio que se perde no outro.

A Herança da Moral das frases.

Com a moral das frases na cabeça as crianças crescem imaginando que o vilão é a falta de estudo. O maldito problema é que elas crescem; querem sua herança de estudante e de trabalhador e aí há um problema bem concreto para todos. E as oportunidades? Bem, elas são escassas para quem mora fora da Cidade da Periferia. E onde fica esta Uma cidade? Sem entender ainda porque seus joelhos roxos não têm chance de emprego e sem o código decifrador do conatus. Confuso, o ser se imobiliza. Contradições de uma imobilidade engessada. Algo muitas vezes é silenciado, subjugada à linguagem perfeita que herdamos com ou sem as frases prontas da boa moral.

Porque no imaginário da amizade, que se define precisamente mediante um movimento de delimitação frente à família, aparecem as metáforas familiares e fraternalistas.



Somos incapazes de pensar a amizade além da família. Estamos desprovidos da capacidade de criar novas imagens para nossas relações. (FONSECA, 2000, p.245)

A criança brincou muito pouco, ou não brincou; a mãe invariavelmente é culpada; deu limites severos demais, não deu, foi mediana, sempre falha e falhas. Assim, apenas buscamos uma culpa, ou no máximo um culpado. Família em crise. É o último refúgio para dias piores. Ninguém, absolutamente ninguém, abala a ancestralidade de um ser. Família é muito mais do que o cansativo papá-mamã. E tem gente que insiste. Alguém já viu um ex- pai, ex-filho, ex- neto e por aí afora. Artaud nos pergunta quem quer reduzir a arquicena: “Eu, Antonin Artaud, sou meu filho, / meu pai, minha mãe, / e eu.”

E isto que é precisamente o incurável familiarismo da psicanálise: envolve-se o inconsciente com o Édipo, apertando o Édipo - ligadura com toda a força- esmaga-se a produção desejante, condiciona-se o paciente a responder papá-mamã e a consumir papá-mamá. (DELEUZE E GUATARRI, 2001A, p.97).

Deleuze usa o conceito de conatus como a consciência das nossas determinações e afecções. Conscientes dos crimes que mutilaram e deixaram nosso pensamento entruncado. Estamos novamente de joelhos diante das drogas milagrosas que retiram nossa capacidade de refletir e de pensar. E na falsidade de uma alegria induzida a golpes de martelo uma professora anota a melhora de “comportamento” de um/a aluna/a agora calmo e obediente (triste). “Livre”, de suas paixões e instintos.

Idéias para que mesmo é que servem? A liberdade está sempre ligada à essência e ao que dela decorre e não a vontade e ao que regula (idem, p.96). A vontade de quem regula é simples: a regulação. Simples!!!! NÃO!!! Bem complicado. Estranho para nós este ideal pedagógico de ter alunos e colegas calmos e controlados em sala de aula! Signo de obediência e submissão. Será a criança considerada menos infantil por não pensar pela Pedagogia de Joelhos Roxos? Pode ser. O que é mesmo o infantil

O infantil: elemento insistente desses inesgotáveis duplos que se oferecem ao saber reflexivo do humano moderno; projeção confusa do que ele é na sua verdade: fundo prévio a partir do qual deve unificar a si mesmo e a reportar-se a sua verdade: como o louco. O infantil é o reflexo do que o humano ignora em si. (CORAZZA, 2000, p. 307)



A Pedagogia de Joelhos Roxos, a grande máquina, é operada por professores. Decalque do humano a sobrevoar a escola. Ordenando os objetos parciais de Poder Pedagógico dos educadores, eles são pessoas que habitam um corpo e tem uma identidade finita. Uma pessoa, um/a educador/a conectada às redes de informação imaginadas em muitas datas e postas à digestão da própria pedagogia. Hoje, nesse dia vivido, no aqui agora, onde mora, convive e muda constantemente - O Professor - é este personagem, igualmente preso e calado como vítima desnutrida, e obrigada a proferir palavras e frases que o gradeiam como o carrasco. Dentro do ser Professor, um professor, possível e impedido de libertar-se agoniza e espera rasgar um uivo que seja de liberdade. Quanto mais de Joelhos menos perto do ser.

Há uma “cartilha” que a tudo explica. Alguém a orar e, portanto de Joelhos Roxos. Ampliar a exposição à linguagens ainda nem tanto dominadas pelos professores, mas, já nata nos alunos, seria no mínimo um ato de irresponsabilidade total, do controle, mas seria. O ser professor é proibido na Cidade da Periferia, e o outro não pode expressar-se, só pode uivar entre as grades. “Mais tarde ele vai entender”!!! Lewis Carrol em Silvia e Bruno atingem esse mais tarde de uma maneira muito interessante.

- A ação dos nervos é curiosamente lenta em certas pessoas. Tive um amigo, tempos atrás, se você encostasse nele um aquecedor em brasas. Só iria sentir a queimadura anos mais tarde.
- E se em vez de encostar um ferro em brasa lhe desse um beliscão perguntou Silvia. Naturalmente ele custaria ainda mais sentir. Duvido que ele sentisse em seu próprio corpo. A dor somente iria se manifestar em seus netos. (CARROL, 1999, p.437)

“O Tempo Não Para” e as informações vem aos borbotões. O que interessa para a criança? Deixamos de lado. O outro, o adulto é que importa. Será ele o trabalhador e o consumidor. Então o que mesmo importa na educação da criança? “*São elementos de um corpus decalcado de criança-adulta. Sem importância para o outro adulto que habita o corpo infantil*”; nem de nenhuma valia para a criança do adulto. Aviltada pelo roubo da infância. Onde deveria estar o lúdico e a brincadeira estava a gênese do adulto que um dia seria. Hoje ele é e sente falta da criança que não foi.

Como o professor de Carrol que na história justifica sua atuação dizendo que há pessoas assim. Só após muitos anos sentirão a queimadura do ferro em brasa e algumas sensações só nos netos. Qualquer semelhança com a Educação não é mera coincidência. Estranha concepção de educação e de entendimento humano. Uma formação de um



dado personagem que vai ser um sujeito habitante de uma estrada X, com formação Y. É preciso “dureza” neste momento de “dualidade” do adulto e seus descendentes.

Na analítica da finitude, o humano é um duplo: um ser no qual se toma conhecimento do que faz possível todo conhecimento. Neste par empírico transcendental, a que se chamou “o homem”, o segundo elemento fica dotado de significação infantil, desde que se passou a analisar o vivido, O infantil, assim antropologizado funcionara como o mais novo Transcendental do ser humano. (CORAZZA, 2000, p.307).

O duplo, o descolado, o decalcado, o que vive no outro. O dúplice de professor que não está na sala de aula, mas na linguagem da vida. O educador trás dele a figura do adulto, não pode tirar “onda de criança/adolescente. O delineamento de uma possibilidade do infantil fere os espíritos guardiões da Pedagogia de Joelhos Roxos. Qualquer busca mística que possa subverter os paradigmas de pensamento é caso sério, de correção mesmo. O humano ignorando o humano; limpando a educação de humanidade ele humaniza mais o campo transcendental. Sem espaço para o lúdico o duplo infantil aparece forte em todos os espaços. O decalcado infantil do Adulto-Educador assusta a criança asfixiada do adulto Guardador da pedagogia dos Joelhos Roxos. Rebelde é quem não se conformou com A Herança da Moral da Frases.

O Infantil: elemento insistente desses inesgotáveis duplos que se oferecem ao saber reflexivo do humano moderno: projeção confusa do que ele é na verdade; fundo prévio a partir do qual se deve unificar a si mesmo e reportar-se a sua verdade: como o louco, o infantil e o reflexo do que o humano ignora de si. (idem, p.307)

Duelo não mortal: O Professo- o execrável X Um Professo- o salvador

Apesar do medo/pânico da mudança, do novo e da manifestação do duplo infantil, há revelações do dublê o tempo todo. Constatamos e aqui já firmaremos como postulado de nosso artigo que ele (professor) muda em contato com outros corpos. Não adianta esconder Artaud o duplo sempre aparece. O duplo que observa o duplo dentro de nós. Pedagogicamente teatral e a própria pedagogia compõe com o professor; “só agimos na condição de existir um pequeno eu que contempla: é ele que extrai o novo. (Deleuze, 2000, p.50).



Compor para si Um Corpo Pedagógico é o desafio diário do professor, é em desafiar seus dias e apresentar-se como um professor, esse dotado da potência de mudar, percebendo suas disjunções e conjunções em relação aos objetos parciais de poder pedagógico, que o afetam. “opor a repetição não só as generalidades do hábito, mas as particularidades da memória. Porque é talvez o hábito que consegue “tirar” algo de novo de uma repetição contemplada de fora” (idem p.50)

O desafio é trabalhar com o hábito de outra maneira. Implode, de uma maneira bem mais eficaz, os fundamentos da pedagogia de Joelhos Roxos. Essa camada do meio, esse entre, entre as palavras e as coisas, esse neutro, sentido expresso ou noemático, é o lugar do impessoal, ou o plano que o impessoal desdobra. Lugar, tópico do que absolutamente não é exterior nem interior, nem subjetivo nem objetivo, onde coisas e palavras se trocam (SCHÉRER, 2000 p.27).

Na afecção possível desse que voltará à sala de aula e emitirá palavras e frases há um encontro, um lincar da liberdade da comunicação, pois a afecção é uma suspensão a um professor amordaçado; ele observa o mundo a sua volta, ele é o pequeno que contempla e deseja. Quando, em fim chega “a hora H”, quem pode falar é o outro, o disciplinado, esse ser professor, “essezinho” que mora em todos nós. Um duplo de nosso duplo. Um fascista, libertário interno, ou alguns intermediários entre eles. Enfim, é ele o grande observador do palco de nossa vida. Conhecedor de cada micro-história de nossas facetas. Regula e desregula nossos sentidos. Em seus momentos de letargia torna-se parvo, ingênuo, fácil de enganar, acomoda-se ao bom-senso e ao senso comum.

“a obrigação de pensar em “comum” com os outros, e, sobretudo a exclusão da parvoíce, formam uma ruína moral do pensamento, cujo papel da nossa sociedade, sem dúvida seria fácil de decifrar. Ora bem, ao deslocar esta moral, deslocamos toda a filosofia.” (FOUCAULT, 2000, 97)

Acreditando, empiricamente, que o desejo existe e está silenciado apesar de perceber outras possibilidades, voltamos a atenção à comunicação onde a afecção se manifesta em potência para uma Comunicação possível. Há na contemporaneidade espaços virtuais que apresentam elementos para a conversação e para o colóquio. Pesquisando o Orkut⁴ encontramos Frases e Palavras que usaremos em nossa

⁴ O Orkut é uma rede social filiada ao Google, criada em 24 de Janeiro de 2004 com o objetivo de ajudar seus membros a conhecer pessoas e manter relacionamentos.



investigação de agora em diante. Comunicações de primeiro grau entre duplos. Evidências de colocação do pequeno-eu que observa o mundo girar. Estes registros mostram interações entre professor-aluno-comunidade, interferência de todas as linguagens. Sem a eterna vigilância dos Pedagogos de Joelhos Roxos. Assim, escolhemos, quase aleatoriamente as páginas pessoais do Orkut, para pensar em objetos pedagógicos, os eleitos, e outros, não-pedagógicos

Superfície que ele percorre, descobrindo figuras tão jovens quanto o seu olhar, pois pertencem a um tempo que não tem as mesmas medidas, nem os mesmos fundamentos que ele. Imagem invertida de um espelho, forma complementar e, ao mesmo tempo, necessidade de que seja si - mesmo. (CORAZZA, 2000, p. 306)

Apenas comunicamos, difundimos idéias, sem a capa acadêmica que ora nos protege, ora nos asfixia. Outras opiniões entre professor/aluno. A comunidade oculta se revela, relação de pensamento livre, busca do impensado. Poder de explorar uma relação afetiva, jogar a mente, expor pensamentos, transformar e ao mesmo tempo não tornar outra, garantindo a mudança/permanência do ser finito. “Afirmação é primeira, ela afirma a diferença à distância. A diferença é leve, aérea, afirmativa. Afirmar não é carregar, mas ao contrário, descarregar, aliviar.” (DELEUZE, 2000, p.119) Será que estes “outros” modos de comunicar, esses que não são objetos parciais do poder, saindo faceiros de seu lugar de origem, estariam eles na cidade da periferia?

O Orkut se estabelecerá como um espaço de registro de todas as cidades da sala de aula. Focamos na Internet. A TV não está em questão. Analisamos o Orkut e seu palavreado, os filmes da internet e os de fora dela. As linguagens não estão penetradas na escola. Ou estão? É um caminho delicado a pensar. Muitas vezes esta linguagem está na escola como subsistema, e aparece em todas as rachaduras possíveis. A Pedagogia de Joelhos Roxos, presa nas suas próprias grades diz: Sim! Temos computador, mas sem acesso a Orkut e MSN. São bobagens e acesso a todas as formas de perversão. Sem o olho de papá- mãe está perdido (Bom ou ruim). Os objetos parciais de Poder Pedagógico se impõem como Édipo e seu nojento segredinho familiar, espreitando os corações, a pulsação e a vida.

Quando eu perguntar, responde papá-mamã. ... Toda produção desejante é assim esmagada. Submetida às imagens familiares, alinhada em estados pré-edipianos,



totalizada no Édipo, é assim que a lógica dos objetos parciais é reduzida a nada. (DELEUZE, 2001A, p.48).

Neste caso os objetos parciais de Poder além de reduzirem a nada, são transformados em objetos de poder pedagógico. O que são esses objetos parciais do poder pedagógico?

São adereços, insígnias que aparelham o docente como educador e/ou catedrático. Habitantes de um plano rizomático artefatos de ensino rondam as salas de aula e o corpo das/o professoras/o. Em todos os passados e na contemporaneidade os olhos cansados por detrás das lentes, capturam e escoam-se pensamentos. Um olhar sempre novo, percepção e memória que se ampliam nas zonas de afecção em movimentos de captação- imanência das potências e as junções das potências em ferramentas – perceptos que permitem a transcendência – a colocação das potências em ação.

O inconsciente desconhece as pessoas. Os objetos parciais não são representantes das personagens familiares, nem suporte de relações familiares, são peças das máquinas desejantes, remetem para um processo e relações de produção irreduzíveis. (DELEUZE, 2001A, p.48)

Nosso objetivo não é em hipótese alguma “salvar” nem “condenar” ninguém. Também não estamos interessados em elogiar a prática do professor que atua e constrói. O Corpus Pedagógico que convivemos hoje é excludente, Mantemos o professor de hoje fadado ao fogo brando que é próprio do lugar que ele cria para si e para nós nos impregnando da verdadeira sociedade que vivemos. Investigamos para chegar ao novo, ao impensado, se for possível. Focamos na análise ao nosso personagem conceitual que é outro Um Professor, que todos queremos despertar o máximo de tempo possível, nos palcos da sala de aula e em cada um de nós. E Édipo ainda reina entre nós, sufocando e distorcendo o papel do desejo, das máquinas desejantes e dos objetos parciais. É entre os objetos parciais e nas relações não-familiares da produção desejante que a criança sente a vida e se interroga sobre o que é viver. (idem, p. 50) Todos os duplos agem na conversa da comunicação e da pedagogia.

Precisamos alcançar a pequena extremidade da ponta da diferença. Sem elateremos uma pergunta tão falsa e o mundo civilizado nos



parece falso, parece barbárie. Com tantas informações a Cidade da Periferia e seu saber não aparece na escola. Estarão tão rígidos assim os muros? Com tanta informação a vida parou de nos afetar. O planeta corre perigo em todos os lugares e não apenas na cidade da periferia.

Podemos falar ou somos prisioneiros das grades que nos velam da opinião do outro, que nem sei onde está. Permitir a fala e a comunicação pode ser mais castrador do que a proibição. Porque não é mais uma questão de proibir de falar, é que quando falamos somos obrigados a dizer muita coisa, e simplesmente o tempo acaba antes de alcançar a periferia, lá é perigoso e lá há vida. Máquinas disciplinares, fazedoras de gente, sedentizam a vida. E a educação está inserida nestas máquinas desejanter. Promotoras de desejos e metas, ou corte de fluxo como impossibilidade. As máquinas educadoras ligam-se às máquinas domésticas de normatização, às políticas, às econômicas e principalmente às máquinas modelos de sociedade. As máquinas educadoras formam um corpo. Queremos abrir possibilidades de nos inserirmos nesse corpo, como figuras centrais de um acontecimento? Queremos colocar o sujeito em um lugar central, onde finalmente nos tornamos parte de outro? Isso seria constituir um Corpo Sem Órgãos.

Um Corpo sem órgão. “O corpo sem órgãos é um ovo: atravessado por eixos é limiaries, latitudes, longitudes e geodésicas, atravessado por gradientes que marcam as transformações, as passagens, e os destinos que nele se desenvolve.” (DELEUZE, 2001A pág. 24)

Há, nas máquinas educadoras, um não-eu, não espaço, não-lugar. Uma evocação! Existe um universo natureza/cultura a ser honrado e traduzido em folhetins pedagógicos. Ser assíduo, ser asseado, repetir conceitos e pouco ou nada criar. Preservar o bom senso e o senso comum. Diferença e repetição do mesmo em encasteladas imagens de pensamento. Esta debreagem temporal/espacial marca de tal maneira os enunciados de educação que as máquinas convergem para o engessamento em seus movimentos.

Partindo da linguagem contemporânea, imaginamos uma potência de destaque, mais que uma representação, podemos nos projetar como seres no centro de uma cena. Encontramos um buraco negro da comunicação na sala de aula. Vemos que esses buracos já existem em múltiplas potências de trabalhos. As páginas pessoais, seus textos



e imagens podem representar um modelo de expressão, ainda não explorado, ainda não engessado, busquemos esses espaços sempre urgentes, sem medos de nos aproximarmos demais. Professor-aluno-comunidade criando para si um corpo sem órgãos.

Pensamentos: Espíritos que nos povoam

A Comunicação e a Pedagogia dialogam em uma zona de fronteiras. Onde a linguagem e a vida se encontram. A pele humana das coisas, a coisificação da pele humana. A carrasca comunicação está farta de tantos acessos, de tantas buscas, e o alimento é tanto, ela tão gorda que não possui mais fome alguma. Devora simples e involuntariamente tudo ao seu redor. Orgulhamos-nos da tecnologia em nossas escolas. Perguntamos até que ponto esta pedagogia incluiu/excluiu. Qual é o tempo de nosso pensamento? “Como a técnica influenciou sobre ele. E não basta derrubar a hierarquia ou inverter o sentido da corrente, atribuir uma “essencialidade” a técnica e a configuração de seus equivalentes, para mudar de maquinário, de sistema ou de terreno” (DERRIDA,1991, p;147) Pode a pedagogia desmilinguida, faminta, já não sem força alguma ter força para mudar a maquinaria social capitalista

Partimos há muito tempo para uma jornada onde os sujeitos, os autores estão colocados à prova. A comunicação está aí por todos os lados, bombardeando imagens, e elas são manifestações de seres trancafiados, agora com grades de palavras, frases e imagens. O ser que vive tem desejos e na “hora H” cede seu lugar a outro: quem fala é o serzinho formatado, robotizado pelo medo, pela aceitação de outro ao seu lado, que o obriga a ser pedagógico, claro, compreendido, comum como deve “ser”. Ai, ai e ai, olhem os modos civilizados do ser. Penumbra é o lugar comum de todos. “Amaldiçoam o sol todos os cansados: para eles o valor do sol é - a Sombra” (NIETZSCHE, 2002, p.39)

Trata-se de uma informação antiga e urgente. Arnaud rachou-se para uma idéia de espírito de Espírito ainda de espírito congelado, e fica lá uma fenda, uma pista fundamental. (ARTAUD, 1983, p.19-30) Respingos de momentos onde o espírito rompe as fronteiras da linguagem, descongelamento de pensamentos. Espíritos livres enchem de conteúdos páginas de referências teóricas para a Comunicação e para a Pedagogia poderem exercer seu poder, e seus limites.

Como representação de um duelo está fácil da educação apropriar-se do audiovisual, cautelosamente, no espaço restrito do intervalo, ou na preocupação das técnicas caras, que custam muito dinheiro, nos equipamentos da modernidade com



professores e horários outros, mais raros e caros, da vida comum e simples da sala de aula e a cela, que nos aparta da vida, outra coisa deixa pra outra hora, em outro momento alguém irá falar se expondo realmente, a si e a sua vida e poderá então esse te escutar alguns instantes. Os hábitos breves podem nos levar a muitos estados fecundos. Acreditemos.

Exclusão Branda dos Corpos Audiovisuais

Não há motivos para grandes espantos, tudo acontece com a calma natural da representação. Tu não te apresentas como és, eu me represento como esperas. Vivemos assim juntos, enquanto outra possibilidade de sermos permanece enjaulada sobre nossas vigílias ininterruptas. A exclusão se faz de forma branda, o que fica em questão é quem, ou o que está excluído. Em tese, vimos algo muito maior do que os audiovisuais, ou a comunicação, mas a linguagem. Consideramos que quem está apartada é a Cidade da Periferia, o espaço inteiro onde há vida, onde a linguagem acontece, onde temos apetite e digestão próprios. Esse é o espírito que deseja, bem distinto do Ser, espírito preso, que está no que chamam essência, vejamos um conjunto de regras a seguir:

A essência o que é? Uma cova ou um corpo? A essência é a cova de um corpo que o precipício da boca circular da panela nunca significou verdadeiramente perante as impaciências da alquimia. Sobrará disto um pó de osso? Nem tanto? Mas qualquer coisa, sim, como uma sintaxe, as larvas de uma antiga sintaxe que se arrastam no esqueleto dos cérebros. (ARTAUD, 1988, p.61)

Façamo-nos mais acolhedores de nós mesmos, deixemos de lado a resistência do medo de nos apresentarmos. Desejantes, potentes de fome, impregnados com nossas próprias vidas. Façamos um Corpo Sem Órgãos dispondo da atenção ao outro como é, partindo daquilo que é. Outro-eu-linguagem em ação na Cidade da Periferia. Esse acompanhamento, momentâneo entre ser e linguagem, sem sujeito nem objetos, só é possível através de uma fissura transversal e mortal, onde o espírito ou o Espírito morrerá. Assim o que se denomina o sujeito falante já não é aquele mesmo ou só aquele que fala. Descobre-se numa irredutível secundariedade, origem sempre furtada a partir de um campo organizado da palavra no qual procura em vão um lugar que sempre falta. . (DERRIDA, 2002, p.20)

Formulamos partindo da pedagogia e da comunicação que a proibição não de uma infância simplesmente fase do ser, mas sim da Zona onde temos segurança de ir e vir, os objetos novos estão longe demais, a vida está longe demais, aliás moram em outra cidade.



Nos bosques da Cidade da Periferia, onde temos e multiplicamos desejos encontramos fiozinhos e cacos de comunicação, alguns deles audiovisuais. Esses desejamos mostrar a alguém, colecionamos esses cacos e queremos mostrá-los à mamãe. Ela é desatenta, não quer ver como os usamos, não percebe o dom do gesto, acho que comunicadores e pedagogos incorporaram uma mãe braba demais. Como e porque não fazem parte das práticas de sala de aula?

REFERÊNCIAS

- ARTAUD, Antonin. *Linguagem e Vida*. Ed PERSPECTIVA. São Paulo, 2004.
- CARROLL, Lewis. **Silvia e Bruno**. Ed Itatiaia. Belo Horizonte, 1999.
- CORAZZA, **Sandra**. **História da Infância Sem fim**. Ed UNIJUI. Ijuí, 2000.
- ECO, Humberto. **Tratado Geral de Semiótica**. Ed PERSPECTIVA. São Paulo, 2009
- DELEUZE, Gilles. **NIETZCHE E A Filosofia**. Ed Rés. Porto-Portugal, 2001
- DELEUZE, Gilles e GUATTARI, Félix. **O ANTI-ÉDIPO**. Ed Assírio e Alvim. Lisboa, 2001B
- DELEUZE, Gilles. *Espinosa E Os Signos*. Ed Rés, 2001 B
- DELEUZE, Gilles. **Diferença e Repetição**. Ed. Relógio D'Água Lisboa. 2000.
- DERRIDA, Jacques. **Margens da Filosofia**. Ed Papyrus. Campinas, 1991.
- FONSECA, Márcio Alves. **Entre monstros, onanistas e incorrigíveis**. In **Imagens de Foucault e Deleuze**. Rio de Janeiro.
- FOUCAULT, Michel. *Um diálogo Sobre os Prazeres do Sexo*. Theatrum Philosophicum. São Paulo, 2000.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **O Visível e o Invisível**. Ed PERSPECTIVA. São Paulo, 2007
- NIETZCHE, Friedrich. *A Gaya Ciência*. Ed Companhia das Letras. São Paulo, 2002.
- RAJCHMAN, Jonh. In **GILLES DELEUZE: UMA VIDA FILOSÓFICA**. Ed 34. São Paulo, 2000